

O CORPO EDUCADO: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE

**Gustavo Bassi
Rosilaine Rodrigues**

RESENHA

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018. 224 páginas.

Sobre a autora

Guacira Lopes Louro é historiadora e professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq coordena, desde 1990, o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero). Entre suas publicações mais recentes, encontram-se: *Gênero, sexualidade e educação* (Vozes, 1997), *"Mulheres na sala de aula"* (Contexto, 1997) e *"Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares"* (Vozes, 1998) (LOURO, 2018).

Sobre a obra

A obra é uma coletânea organizada por Guacira Lopes Louro composta por seis ensaios de diferentes autores que buscam mostrar a dificuldade de ensinar a sexualidade nas escolas em função das diferentes apropriações de corpo, valores, poder, gênero e sociedade

O primeiro artigo, intitulado “Pedagogias da Sexualidade”, de autoria de Guaciara Lopes Louro, mostra a sexualidade na adolescência e como a sociedade tem influência sobre isso. Destaca como é que a escola tem dificuldades de tratar do assunto que ainda é tabu. A autora relata temas que mostram como a sexualidade é vista no contexto feminino, e como exemplo trata primeira menstruação da menina e a inicialização sexual masculina. Ambos os fatos são marcados por muitos significados históricos e de crença sociais, e acabam fornecendo a forma de abordagem mais explícitas que se vem hoje quando se fala sobre sexo.

O segundo artigo, intitulado “O Corpo e a Sexualidade”, de autoria de Jeffrey Weeks, é referente às doenças sexualmente transmissíveis e sobre a revolução sexual que passou a tratar a sexualidade como um fenômeno de ação histórica e social, destacando como o poder de uma sociedade pode intervir nos comportamentos sexuais. Nesse artigo o autor também faz a diferenciação entre os conceitos de sexo, gêneros sexuais, sexualidade, e o que seria “normal”

perante a sociedade demonstrando como a sexualidade tem uma visão machista, pois repreende as mulheres, e discrimina os homossexuais.

O terceiro artigo, “Curiosidade, Sexualidade e Currículo”, de Deborah Britzman, relata como seria a forma ideal do professor ensinar sobre a sexualidade nas escolas, uma vez que as instituições de ensino não disponibilizam de uma grade específica para falar sobre temas relacionados à educação sexual e quando isso ocorre é algo destinado a falar em maior parte de assuntos relacionados a cuidados na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Muitas vezes os temas são considerados pelos alunos sem muito interesse, e a forma de como muitos professores abordam o conteúdo é pouco atrativa.

O quarto artigo, “Eros, erotismo e processo pedagógico”, de autoria de bell hooks primeiramente fala sobre os professores que raramente ensinam o Eros ou erótico em sala de aula. Também faz menção a separação entre o corpo e a mente, afirmando que os seus professores tradicionais, influenciados por um padrão de homem branco, ensinavam que devia haver tal separação e a sala de aula seria apenas para a demonstração da mente em detrimento do corpo. Em seguida a autora reafirma que professores entram em sala de aula determinados a anular o corpo e cita um estudo realizado pela ‘Psycho-loggy today’ que demonstra que a cada segundo muitos professores homens estavam pensando sobre sexualidade – estavam, até mesmo, tendo pensamentos libidinosos sobre as estudantes. Então hooks cita um ocorrido em sua carreira de docente, no qual revelou estar eroticamente atraída por um aluno, que ela mesma o tratava de maneira incomum brusca, rude e dura, na tentativa de sufocar tal atração. Importante salientar que tal tratamento é um desdobramento do que lhe foi ensinado, ou seja, negar e reprimir tal sentimento. Depois desse ensinamento, ela, passou a pensar de modo diferente. Agora ela estava determinada a enfrentar e lidar com qualquer paixão que surgisse em sala de aula. Depois a autora retoma o assunto que os professores têm que entrar em sala de aula de corpo inteiro e não como “espíritos descorporificados”. Ela sustenta que o Eros e o erotismo têm espaço em sala de aula sem comprometer o aprendizado. Explica que o pilar da pedagogia crítica feminista está em não separar corpo e mente. Relata que por isso, muitos professores têm dificuldade em lecionar a disciplina de “Estudos da mulher”.

Agora tem que se fazer uma ponderação a respeito do que é o Eros e o erotismo de que a autora fala. Não se pode ficar preso a ideia de relacionar o Eros e o erotismo ao sexo, embora não se pode negá-la, porém essa força vai além das ideias sexuais, chega a ser uma paixão, no bom sentido, uma relação entre professor e aluno que transcende a órbita carnal. É um

aprendizado com emoção, livre do preconceito e focado no lado puro da relação professor/aluno nos tornando mais inteiros.

Retomando o artigo, Bell Hooks argumenta ainda, que essa educação mais “viva” pode alterar, profundamente, a realidade e as nossas ações. A filosofia para a educação e o pensamento crítico, fortalece o poder das pessoas entenderem que os corpos não são espíritos descorporificados. Cita três casos em que a teoria se tornou realidade: um de uma mulher negra que depois das aulas dela, passou a entender melhor sobre si mesmo e não queria ser mais igual às outras mulheres brancas. O outro é de um jovem negro que adorava dançar e não ligava para o que os outros pensavam dele e se descobriu na dança como alguém. E o último, de uma mulher asiática que compreendeu a beleza do silêncio através dos ensinamentos dela.

A autora passa a sustentar que quando o Eros está presente em sala de aula o amor está em terreno fértil para florescer. Porém, esse relacionamento afetivo entre professor e aluno é muito suspeito tendo em vista o modelo aplicado na sociedade. Mas na realidade, sempre existiu e pode ser explorado de maneira saudável. Porque, hoje em dia o ensino apaixonado não se faz presente em sala de aula nem mesmo no ensino superior. Finalizando a autora diz que para restaurar essa paixão pelo aprendizado e pelo ensino, professores e professoras devem redescobrir seu próprio Eros e permitirem que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo.

O quinto artigo, “Cultura, economia política e construção social da sexualidade”, do autor Richard Parker, relata a observância, na década de 80 em diante, da preocupação com estudos e pesquisas relacionados à sexualidade. Para isso, citam alguns fatores como mudanças nas normas sociais; a influência dos movimentos feministas, gays e lésbicos; pandemia do HIV/AIDS; e a preocupação crescente com as dimensões culturais da saúde reprodutiva e sexual. Começa tratando da teoria da construção social que tem como base o argumento que a sexualidade é construída de forma diferente através do tempo e da cultura, ou seja, é relativa. Cita os estudos de Carole Vance que contrasta aquele argumento com o conceito de sexualidade como sendo universal imutável, mediado em maior ou menor extensão pelo contexto cultural. Existem vários temas dentro da sexualidade incluindo preliminares sexuais, masculinidade, feminilidade, orgasmos, relações sexuais e fantasia erótica, assim a teoria da construção social traz noções essencialistas sobre a sexualidade, podendo ser medida por fatores culturais e históricos, fazendo a distinção entre atos sexuais, identidades sexuais e comunidades sexuais. Junto a diversidade do papel das mulheres do ponto de vista intercultural, histórico e geracional, somados a teoria feminista que contesta o determinismo biológico na construção da sexualidade ocidental, contribuiu com a teoria da construção social.

Em seguida, há uma explicação sobre como a pesquisa sexual foi originalmente iniciada: ela ocorreu devido à busca sobre as raízes do homossexualismo masculino na Inglaterra feito por McIntosh em 1968. O autor defende o argumento de que o comportamento homossexual deveria ser separado da identidade sexual e mostra que as tensões políticas a respeito da sexualidade ao longo dos séculos XIX e XX, tiveram um impacto significativo na construção do conceito da teoria da construção social. Isso se deve ao fato de estarem relacionadas ao Estado que frequentemente as aborda sobre o prisma da saúde e da doença. Assim, quem forma esses conhecimentos são médicos e cientistas de classes mais poderosas. Contudo, deixa claro que subculturas sexuais, também, contribuem para aquele conceito, inclusive criando novo campo para investigações.

Por fim, o autor destaca a epidemia do HIV/AIDS que foi largamente difundida no início dos anos 80 e foi um fator importante para as pesquisas sobre sexualidade. A compreensão e transmissão dessa doença mostraram que as concepções convencionais acompanhadas de métodos de pesquisas antigos não foram suficientes para dar respostas satisfatórias sobre aquela doença. Isso gerou uma demanda que estimula a construção de novas abordagens, inclusive antropológica, para dar respostas mais palpáveis.

A compreensão da sexualidade construída socialmente teve um redirecionamento para fatores de compreensão e interpretação das experiências sexuais. Partindo dessa perspectiva, as experiências subjetivas são compreendidas através de símbolos que variam de acordo com o espaço social e a cultura. Assim, o comportamento sexual é visto como intencional e modelado em contextos específicos. Esse contexto envolve negociações complexas entre os variados indivíduos. Muitas pesquisas sexuais têm um novo foco de investigação que é as diferentes culturas sexuais. Isso se deve a comparação entre sexualidade e conduta sexual. Logo a noção do comportamento sexual de si para si mesmo passa a dar lugar para a noção da sexualidade ligada ao espaço social que está interagindo.

As categorias sexuais tradicionais ocidentais como o heterossexualismo, o homossexualismo, a masculinidade, a feminilidade e a prostituição são estruturas universais em diversas culturas. Dependendo das sociedades e tradições, as noções daquelas categorias podem mudar. O conceito de certo ou errado é relativo, vai depender dos comportamentos das pessoas que formam a sociedade.

É muito importante conhecer o conceito de comportamento e identidade sexual, pois os modelos ocidentais de experiências sexuais estabelecem uma relação necessária entre desejo sexual, comportamento sexual e identidade sexual. Variavelmente as pesquisas sociais e

culturais têm colocado em evidência a crítica a esse pensamento, trazendo à tona uma ampla gama de possíveis variações que parecem estar ligadas a parte social e cultural e não somente ao indivíduo. Isso transpareceu nos estudos realizados das interações homossexuais masculinas, tanto nas culturas ocidentais como orientais, uma vez que as noções de atividade e passividade se mostraram mais importantes que a escolha dos parceiros.

Já a pesquisa sobre a identidade sexual que tinha o foco nas relações entre homens mostrou que as relações de sexo por dinheiro ou em troca de algo são muito mais complexas e comuns do que se imaginava. Também, mostrou que a prostituição feminina como masculina, a homossexualidade e a troca de sexo por dinheiro ou produtos são estigmatizadas e sofrem sanções sociais em algumas culturas, porém em outras não. Isso porque existe uma variação nos conceitos de ser macho ou fêmea, masculino ou feminino e também porque não está ligada a dicotomia biológica subjacente. Entretanto, todos os machos ou fêmeas biológicos devem passar por um processo de socialização sexual, no qual, aprendem as noções específicas aceitas naquela sociedade. São nesse processo que os indivíduos aprendem o que é o desejo, os sentimentos, os papéis e práticas sexuais do seu grupo de idade ou do seu posicionamento na sociedade, bem como as alternativas sexuais.

Embora o foco da sexualidade na construção social entrelaçar a sexualidade com a identidade sexual, pesquisas recentes mostram que essa relação não necessariamente é intrínseca, os estudos têm demonstrado haver relações complexas entre a sexualidade, a identidade sexual e a formação de comunidades sexuais. Um exemplo disso tem se nas comunidades gays que são soro positivo para o HIV/AIDS na relação de combate a essa doença. O apoio mútuo foi um fator importante no combate do HIV.

A consciência da diferença entre as várias culturas leva a uma maior atenção nas pesquisas sobre a sexualidade. Os focos de todas elas demonstram as complexas formas de organização das práticas sexuais em diferentes sistemas sociais. Isso chama a atenção para os dinâmicos processos sociais, econômicos e políticos que moldam a constituição das diferentes comunidades sexuais, principalmente em países desenvolvidos, tornado modelos a nível global. Portanto, a atenção passa a ser quem tem permissão de fazer sexo com quem, quem são os atores sexuais, quais práticas sexuais são aceitas. Essas e outras perguntas são definidas através de regras implícitas e explícitas que são criadas por aqueles influenciam nas culturas e sociedades específicas.

As confrontações entre cultura e poder ajudaram a ultrapassar uma série de limitações teóricas a respeito das abordagens culturais, tentando mostrar uma articulação no

construcionismo social com economia política. A relação da política social com a sexualidade está baseada em quatro movimentos que começaram na década de 60: a revolução sexual, o feminismo, a liberação gay e o movimento por direitos civis. Esses movimentos quebraram o paradigma da liberdade sexual não somente de homossexuais e mulheres, mas também dos homens. O feminismo se aproveitou desse momento para mudar a conceituação entre as categorias de sexo e gênero.

Sobre a opressão da sexualidade feminina Engels e Marx tentaram, mas não conseguiram explicar de forma satisfatória de onde surgir àquela opressão, então Rubin em seu ensaio "The traffic in women" ("O tráfico de mulheres"), veio a preencher esse vazio afirmando que a opressão feminina surge a partir do momento que as mulheres são trocadas como mercadorias por propriedades ou casamentos, em sistemas de parentescos. Isso se dava porque as mulheres não possuíam consciência de seus direitos plenos. Esse é um reflexo da ligação entre poder, sociedade heterossexual machista e sexualidade que moldam esse conceito através das políticas de raça e etnias. Portanto, ao longo dos anos e em especial nas últimas duas décadas, houve diversas mudanças pelas quais passou a sexualidade humana. Isso chamou a atenção para o fato que a sexualidade é construída através da história social e cultural. Isso mostra que as desigualdades de gênero e a opressão sexual não são imutáveis e sofrem mudanças como qualquer outro fator social.

O último artigo, de Judith Butler é intitulado "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". A autora se pergunta se existe alguma forma de vincular a materialidade do corpo com o gênero sexual? Na sua visão não há como, uma vez que o gênero é uma construção discursiva. Por outro lado, o sexo é normativo uma vez que controla e governa os corpos. Assim as normas do sexo trabalham para construir a materialidade do corpo e massificar o pressuposto da heterossexualidade. Uma vez que o sexo seja compreendido como forma reguladora, não se pode separá-lo da materialidade do corpo. O que se quer dizer é que a dinâmica entre corpo, sexo e gênero não são absolutamente excludentes, mas sim se regem por processos complexos que se transformam através de noções excludentes formadas por uma sociedade baseada no heterossexualismo.

A formação do sujeito está ligada diretamente nessa dinâmica. Se ele se enquadra nos moldes existentes então estará inserido na sociedade normalmente aceita, por outro lado se não se encaixar será repudiado e não conseguirá emergir como sujeito livre. Então deve haver um discurso político voltado para a reorganização de conceitos mais progressistas sobre a sexualidade como forma de inclusão das pessoas. Isso ajudará a quebrar as normas regulatórias

pela qual as diferenças sexuais são materializadas. Existem vários questionamentos que circundam os conceitos da criação do sexo e do gênero sexual, alguns até admitem que o sexo seja uma construção fictícia e esta absorvida pelo gênero, e que são baseados num posicionamento radical do construcionismo linguístico. Porém, se assim fosse, ele estaria fadado ao um monismo linguístico. Para tanto deve haver um “eu” ou um “nós” nesse processo que emerge no interior da construção do gênero sexual. Já para a criação do sexo alguns dizem que existem uma parte que realmente é criada e outra não. E o próprio discurso do criacionismo heterossexual traça e delimita o que é criado, quais são os limites e de que forma pode-se mostrar a parte ostensiva do que não é criado. Entretanto, recebe duras críticas de um conjunto de oposições metafísicas entre materialismo e idealismo pôs estruturalismo.

Dizem-se quando alguém assume um sexo, a gramática cria um alguém, mas isso mostra que a assunção do sexo é constrangida desde o início, que é regulada por um aparato heterossexual que gera uma produção forçosa do sexo. Então, o indivíduo passa a existir através de normas estabelecidas pelo sexo ou pelo gênero em que está inserido. Além disso, existe a formação de um ego que, para a autora, nas palavras de Freud argumenta que “o ego é, primeiramente e acima de tudo, um ego corporal”, que esse ego é, além disso, “uma projeção de uma superfície”: aquilo que nós poderíamos reescrever como uma morfologia imaginária. Além disso, Judith Butler acrescenta: “*eu argumentaria, essa morfologia imaginária não é uma operação pré-simbólica ou pré-social, mas é, ela própria, orquestrada através de esquemas regulatórios que produzem possibilidades morfológicas inteligíveis*” (pag. 122, 2000). Portanto, pode-se pensar o corpo como uma espécie de materialização governada por normas impostas no âmbito sexual, cultural e social. Acrescenta-se aqui a dinâmica que estão inseridos, ou seja, o complexo relacionamento entre os indivíduos e as relações sexuais as quais estão inseridos, formulando através das ideias do construcionismo ocidental uma visão mais ampla sobre os aspectos fundamentais das normas sexuais e de gênero, formando assim, corpos que pensam e vivem livremente e sob uma nova perspectiva.

Essa obra deve é importante, pois mostra a forma de como a sexualidade foi abordada ao longo do tempo, e como ele é discutido hoje, além da sua importância na formação da sociedade.

Gustavo Bassi

Estudante de Direito, Faculdades da Indústria
gustavobassi@ymail.com

Rosilaine Rodrigues

Estudante de Direito, Faculdades da Indústria
rosilainer@yahoo.com.br

Recebido em 11/11/2019
Aprovado em 09/12/2019